


**HUMOR COMO CRÍTICA SOCIAL: TEMÁTICAS DE RELEVÂNCIA COLETIVA
NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA E A CONSTRUÇÃO DA CIDADANIA**

**HUMOR AS SOCIAL CRITICISM: THEMES OF COLLECTIVE RELEVANCE IN
PORTUGUESE LANGUAGE CLASSES AND THE CONSTRUCTION OF
CITIZENSHIP**

**EL HUMOR COMO CRÍTICA SOCIAL: TEMAS DE RELEVANCIA COLECTIVA
EN LAS CLASES DE LENGUA PORTUGUESA Y LA CONSTRUCCIÓN DE LA
CIUDADANÍA**

 <https://doi.org/10.56238/arev7n11-193>

Data de submissão: 17/10/2025

Data de publicação: 17/11/2025

Aline Simplicio da Silva

Mestra em Letras

Instituição: Universidade Católica de Pernambuco

E-mail: alines77simplicio@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6367844859736338>

Fidellys Douglas Lima Silva

Especialista em MBA em Gestão Escolar

Instituição: Faculdade de Minas

E-mail: fidellysdouglas8@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5472971072873022>

RESUMO

Compreendemos que uma das formas de ensino da linguagem é promover a criticidade a partir da leitura de textos que contemplem as realidades sociais, dentre eles os que nos apresentam o humor como meio de denunciar realidades diversas. Assim sendo, o presente artigo reflete sobre as possibilidades de ensino da Língua Portuguesa a partir do uso de textos, neste caso o gênero tirinha, que trazem uma crítica social, mas que estão revestidos de humor. A construção da cidadania e da criticidade é foco no ensino da língua materna, uma vez que estamos imersos cada dia mais em uma amplitude de informações (in)verídicas e precisamos compreender, através da linguagem, as nuances do dito. Partindo desse princípio, discutimos sobre a relevância do humor no desvelamento e desmascaramento de realidades sociais a partir dos postulados de Ramos (2017); Magalhães (2010); Possenti (2013); Ramos e Vergueiro (2015). Além disso, discutimos sobre o texto como unidade de ensino a partir das discussões propostas por Costa Val (1999); Antunes (2010); Marcuschi (2008); Cavalcante (2017); Miller (1984). As reflexões encontradas neste artigo promovem o pensar sobre os textos que levamos para as salas de aula e suas contribuições para a promoção de um ensino comprometido com a abordagem de temáticas de relevância social e a formação cidadã.

Palavras-chave: Humor. Cidadania. Ensino de Língua Portuguesa.

ABSTRACT

We understand that one of the ways of teaching language is to promote critical thinking through reading texts that contemplate social realities, including those that present humor as a means of denouncing diverse realities. Therefore, this article reflects on the possibilities of teaching the

Portuguese language through the use of texts that offer social criticism but are imbued with humor. The construction of citizenship and critical thinking is the focus of teaching the mother tongue, since we are increasingly immersed in a range of (un)true information and we need to understand, through language, the nuances of what is said. Based on this principle, we discuss the relevance of humor in unveiling and unmasking social realities based on the postulates of Ramos (2017); Magalhães (2010); Possenti (2013); Ramos and Vergueiro (2015). The reflections found in this article encourage thinking about the texts we bring to the classroom and their contributions to promoting teaching committed to addressing socially relevant topics and citizenship education.

Keywords: Humor. Citizenship. Portuguese Language Teaching.

RESUMEN

Entendemos que una forma de enseñar un idioma es fomentar el pensamiento crítico mediante la lectura de textos que abordan realidades sociales, incluyendo aquellos que utilizan el humor para denunciar diversas realidades. Por lo tanto, este artículo reflexiona sobre las posibilidades de enseñar portugués utilizando textos, en este caso el género del cómic, que ofrecen crítica social pero se presentan con humor. La construcción de la ciudadanía y el pensamiento crítico es un enfoque central en la enseñanza de la lengua materna, dado que estamos cada vez más inmersos en una gran cantidad de información (no) veraz y necesitamos comprender, a través del lenguaje, los matices de lo que se dice. Partiendo de este principio, analizamos la relevancia del humor para revelar y desenmascarar realidades sociales basándonos en los postulados de Ramos (2017), Magalhães (2010), Possenti (2013) y Ramos y Vergueiro (2015). Además, analizamos el texto como unidad didáctica a partir de las propuestas de Costa Val (1999), Antunes (2010), Marcuschi (2008) y Cavalcante (2017). Miller (1984). Las reflexiones de este artículo invitan a pensar sobre los textos que utilizamos en el aula y su contribución a una enseñanza comprometida con el abordaje de temas socialmente relevantes y la educación cívica.

Palabras clave: Humor. Ciudadanía. Enseñanza del Portugués.

1 INTRODUÇÃO

Muito se discute sobre o que é importante ou não para o ensino de LP nas escolas. Obviamente não se chega facilmente a um consenso sobre o que deve ou não ser ensinado, mas temos na leitura um dos destaques. No entanto, cabe a nós, professores, a seleção das leituras que serão inseridas no cotidiano dos jovens. Cabe a nós também propiciar caminhos que permitam que essa leitura não seja realizada de maneira a supervalorizar as regras gramaticais e desmerecer os sentidos, o debate e o despertar para a criticidade.

Os documentos oficiais norteiam nossas escolhas, bem como orientam sobre como conduzir o ensino da língua materna durante o ciclo da educação básica. Para tanto, temos o texto como unidade básica de ensino da língua. partindo da centralidade do ensino no texto, torna-se importante fomentar práticas leitoras que contribuam com o desenvolvimento crítico dos estudantes e propiciem a participação engajada e práticas sociais diversas. Segundo a BNCC

Ao componente Língua Portuguesa cabe, então, proporcionar aos estudantes experiências que contribuam para a ampliação dos letramentos, de forma a possibilitar a participação significativa e crítica nas diversas práticas sociais permeadas/constituídas pela oralidade, pela escrita e por outras linguagens (BRASIL, 2018, p. 67/68).

Apesar de nortear o trabalho a partir da perspectiva enunciativo-discursiva, preconizando o acesso aos mais variados gêneros textuais, ainda cabe ao professor, dentro de sua autonomia, as escolhas textuais às quais seus estudantes terão acesso.

Diante disso, é pertinente que haja uma reflexão sobre quais temas devemos debater com nossos alunos. Precisamos estar em alerta para não cairmos nas armadilhas propagadas de que alguns assuntos não são pertinentes para a escola, não são tarefa do professor, pois estariam à serviço da doutrinação. Essa defesa de não debater temas de importância social mascara sua real intencionalidade que é a de cada vez mais formar indivíduos que ignoram as diferenças sociais que estão ao seu redor.

Dessa forma, defendemos que a leitura deve proporcionar ao estudante a ampliação de conhecimentos sobre temas vários. Deve proporcionar também sua construção cidadã e participativa na sociedade. E deve, primordialmente, levar ao cidadão o conhecimento sobre as diferenças, o respeito ao outro e a aceitação. Por isso, avançaremos nosso debate focando na leitura como fonte de (des)mascaramentos sociais e como fonte geradora de criticidade, tendo como base o texto.

2 O TEXTO COMO UNIDADE DE ENSINO

Quando falamos em leitura, temos como unidade básica para o desenvolvimento dessa leitura o texto. É consenso que para considerarmos um conjunto de palavras como um texto não podemos soltá-las de maneira desordenada. Para que o texto se constitua é necessária tanto uma ordenação linguística adequada, quanto uma construção de sentidos e significados.

Como afirma Costa Val (1999, p. 3), “Pode-se definir texto ou discurso como ocorrência linguística falada ou escrita, de qualquer extensão, dotada de unidade sociocomunicativa semântica e formal”. Partindo desta perspectiva, o texto é percebido como unidade de sentido. Para algo ser considerado texto é essencial que haja uma significação.

Para Antunes (2010, p.30), “(...) todo texto é a expressão de algum propósito comunicativo”. Dessa forma, podemos perceber que, ainda que o texto não siga a norma considerada culta da língua, este só será considerado como tal se cumprir propósitos comunicativos socialmente definidos. No entanto, ao voltarmos nosso olhar para o texto dentro do âmbito escolar percebemos que, algumas vezes, as práticas de leitura e também as de escrita desconsideram a funcionalidade do texto fazendo com que o estudante leia ou escreva apenas para cumprir exigências escolares.

Outro aspecto relevante quando falamos em texto é observar que este não se constitui sozinho, mas sim leva em consideração a interação, sendo de extrema importância o papel do interlocutor. Não escrevemos no vazio ou para ninguém, cumprimos um propósito de comunicação durante o processo de escrita e, para tanto, levamos em consideração o interlocutor.

É neste processo dinâmico, interacionista, que se dá o texto. É marca própria da linguagem a atribuição de funcionalidade e neste sentido não seria o texto um processo gratuito de uso das palavras. Ao produzirmos um texto sabemos o que queremos dizer, para quem queremos dizer e quais as intenções com o dito.

Neste sentido, Antunes (2010, p. 31) nos diz que “(...) todo texto é expressão de uma atividade social. Além de seus sentidos linguísticos, reveste-se de uma relevância sociocomunicativa, pois está sempre inserido, como parte constitutiva, em outras atividades do ser humano”.

Sendo assim, os usos que fazemos da língua e as construções textuais às quais estamos sujeitos diariamente ainda que, nas palavras de Antunes (2010, p. 31), “(...) seja, simplesmente, para não ficarmos calados.”, constitui o que está em torno de cada construção textual: a necessidade de comunicação.

Torna-se relevante destacar ainda que o texto é elemento fundamental e norteador para o ensino da língua. É a partir dele que traçamos um percurso para o processo de ensino e aprendizagem, afinal como nos diz Marcuschi (2008, p. 88), “o texto é a unidade máxima de funcionamento da

língua”. Assim sendo, é a partir dele que proporcionamos ao estudante o contato com a diversidade de fatores linguísticos. É com ele também que permitimos o desenvolvimento de estratégias que colaborem para a competência comunicativa do falante.

Para Cavalcante (2017, p. 18), “o texto permeia toda a nossa atividade comunicativa”. Assim sendo, ele é o início e o fim de todo o trajeto percorrido para que o ensino de língua seja satisfatório e atinja as diferentes habilidades desejadas a um usuário da língua.

O objetivo do trabalho com a língua deve priorizar a ampliação da competência linguística e, conseqüentemente, comunicativa do estudante. Dessa forma, não devemos conduzir o ensino da língua de maneira isolada e descontextualizada. O texto por ser um evento comunicativo no qual há uma diversidade de fatores envolvidos, permite uma vasta possibilidade de abordagens e de enfoques ao ensinar a língua.

Sendo assim, não podemos perceber o texto como algo fechado. De acordo com Cavalcante (2017, p. 30),

O texto não pode ser concebido somente do ponto de vista do sistema linguístico, ou seja, privilegiando aspectos sintáticos e semânticos, em detrimento dos aspectos pragmáticos, das mais diversas situações de uso. Também não se pode pensar o texto como um objeto material, ou como uma superfície linear na qual os sentidos se acham organizados. Para tomá-lo como unidade de análise, é preciso, necessariamente, considerar mais do que a sua tessitura, pois um conjunto de contextos e de conhecimentos (linguísticos, cognitivos, interacionais) está envolvido no processo da (re)construção dos sentidos que se empreende durante a compreensão e a produção de um texto.

O texto como unidade de ensino amplia as formas de abordagens do trabalho com a língua, visto que este já se constitui um farto objeto de estudo. Temos a partir do texto possibilidades diversas de abordagens da língua em suas diferentes funcionalidades.

Outro aspecto sobre texto que deve ser destacado é a abordagem acerca dos gêneros textuais. Sabemos que os gêneros estão em todas as nossas produções textuais, sejam elas orais e/ou escritas. É impossível produzir textos sem se apropriar de um ou mais gêneros textuais. E diante disso, as discussões mais recentes visam objetivar um ensino que priorize a abordagem dos gêneros de maneira satisfatória.

Partindo de uma concepção de gêneros que os percebe como “forma de ação social” (MILLER, 1984), destacamos que estes englobam um universo comunicativo, social, cultural e interacional. Podemos dizer que os gêneros permeiam nossas práticas comunicativas e que as nossas interações verbais estão associadas à produção de diferentes gêneros, ainda que não tenhamos consciência dessas produções.

Assim, nas palavras de Marcuschi (2008, p. 154),

(...) é impossível não se comunicar verbalmente por algum gênero, assim como é impossível não se comunicar verbalmente por algum texto. Isso porque toda a manifestação verbal se dá sempre por meio de textos realizados em algum gênero. Em outros termos, a comunicação verbal só é possível por algum gênero textual.

Partindo dessas observações acerca do texto e compreendendo-o como unidade básica de ensino da língua, podemos então discutir um pouco sobre elementos que favorecem a compreensão textual, a partir do uso do humor. Compreendemos o humor como elemento favorecedor da atuação crítica e cidadã.

3 O HUMOR COMO CRÍTICA SOCIAL

Ao lermos um texto, uma das grandes questões que se tornam indispensáveis para o leitor é a percepção de sua intencionalidade. Os elementos que fazem parte dele, sejam textuais ou extratextuais, nos servem como indícios para que possamos compreender os seus propósitos comunicativos. Quando falamos sobre o gênero tirinha, percebemos a recorrência do uso do humor como um desses indícios que nos servem de suporte para que possamos captar os sentidos do texto.

Sabemos que o humor é uma das características principais do gênero com o qual desenvolvemos este trabalho. Sabemos também que este humor tem como propósito além de levar ao riso, tratar de temáticas densas e polêmicas de maneira mais suave. A estratégia utilizada pelos produtores do gênero é romper com as expectativas do leitor e nesse rompimento surge o humor. Para Ramos (2017, p. 64),

Essa estratégia de criar uma situação inesperada é o que leva à produção do humor. É como nas piadas: há uma espécie de armadilha no final da narrativa, que apresenta uma situação até então imprevista, surpreendente, e que gera a comicidade.

Essa estratégia que gera o humor favorece também o despertar para a criticidade, pois a partir do momento em que rompemos com o esperado abrimos nossa mente para o novo. Percebemos isso com clareza nas tirinhas de USQ, quando elas nos permitem reconhecer personagens com comportamentos inusitados e diferentes daqueles que esperávamos quando nos baseamos no texto original, o texto religioso. Sobre essa questão, Magalhães (2010, p. 29) ressalta que “o desafio do humor é construir um texto evocando outro texto que apresentará uma oposição em suas proposições, deflagradas pelo jogo de significados por via de elementos semânticos”.

Ainda sobre enfatizar a descoberta de um sentido inesperado, Possenti (2013, p.61) ressalta que

(...) as técnicas humorísticas fundamentais consistem em permitir a descoberta de outro sentido, de preferência inesperado, frequentemente distante daquele que é expresso em primeiro plano e que, até o desfecho da piada, parece ser o único possível.

Nota-se que o autor se remete a um gênero distinto daquele com o qual propusemos o desenvolvimento deste trabalho. No entanto, alguns autores como Ramos e Vergueiro (2015) já destacam as semelhanças entre as piadas e as tirinhas, semelhanças estas apontadas posteriormente neste mesmo tópico.

Vale salientar que ao desejarmos promover em sala de aula leituras que priorizem o desenvolvimento cidadão do estudante é indispensável a utilização de textos que permitam essa reflexão. Assim sendo, percebemos que a contribuição das leituras que promovam o acesso dos estudantes ao humor e, conseqüentemente, à crítica é ampla, visto que permite tanto o acionamento de uma dinâmica linguística, quanto uma mobilização de conhecimentos enciclopédicos para que se alcance a compreensão. Analisaremos o uso humor e também a crítica realizada, a partir da tirinha que segue.

Figura 1. Tirinha 01.



Fonte: Blog Um Sábado Qualquer, acesso em 27/07/2017, às 22h.

Ao observarmos a construção da tirinha, percebemos o humor muito associado à crítica estabelecida. O personagem Deus faz uso da expressão “Tá louco.” para enfatizar que não deseja ser brasileiro, atribuindo esse não desejo ao fato de que teria de pagar muitos impostos. Assim sendo, a crítica feita é a de que os impostos pagos pelos brasileiros são abusivos, abusivos de tal modo que nem Deus quer ser brasileiro. Compreendemos o efeito humorístico e que leva ao riso quando o brasileiro consegue se identificar com o desejo de Deus, uma vez que o pagamento de impostos é algo que afeta a população brasileira. O riso advém da identificação do leitor com o personagem.

Agora, vamos analisar outra tirinha que aborda a temática da religiosidade fazendo uso, também, de estratégias humorísticas e que levam o leitor ao riso.

Figura 2. Tirinha 02.



Fonte: Blog Um Sábado Qualquer, acesso em 27/07/2017, às 22h.

A tirinha acima nos remete à intertextualidade, visto que se refere, ainda que de maneira implícita, ao texto bíblico original e, nas palavras de Koch (2015, p.101), “todo texto faz remissão a outro(s) efetivamente já produzido(s) e que faz(em) parte da memória social dos leitores”. No caso da interdiscursividade, que pode ser geradora de conflito, e que é utilizada de maneira proposital para levar o leitor à reflexão, a tirinha nos remete a dois discursos distintos: o discurso religioso de punição associado ao fato de não seguir os mandamentos e o discurso proposto pela tirinha de que não há punição e sim felicidade eterna, inclusive para aqueles que não seguem as palavras de Deus. Compreendemos que a intencionalidade proposta pelo autor da tirinha é permitir que as pessoas compreendam que quando o assunto é crença, essa crença pertence a um universo subjetivo e dependendo da ideologia que cada um carregue consigo essa crença é diferente. O movimento de aceitação começa quando o leitor é provocado a perceber que cada indivíduo concebe a religião de maneira própria e subjetiva.

Ainda que a tirinha tenha o propósito de levar o leitor à reflexão, compreendemos que essa reflexão é feita de maneira mais leve, já que, inevitavelmente, provoca-se o riso ou o efeito de humor quando analisamos os elementos textuais, como fisionomia dos personagens e falas propriamente ditas.

Dessa forma, ressaltamos que propor leituras que permitam uma análise crítica da realidade social na qual o aluno se encontra, através também do humor, colabora para que a compreensão e a construção de sentidos sejam estabelecidas. Destacamos, então, que outro aspecto a ser evidenciado nos textos que revelam humor é o fato de eles deixarem a leitura mais leve, favorecendo também a construção de sentidos. Sobre isso, ressaltamos que, durante o desenvolvimento de nossas atividades

em sala de aula, os alunos podem perceber o humor como forma de propiciar uma leitura mais descontraída e de maior aceitação para se trabalhar temas que geram discordâncias e possíveis embates ideológicos.

Diante disso, precisamos desenvolver um vasto trabalho com esse gênero e outros gêneros textuais, em sala de aula, voltando o nosso olhar ao uso do humor como recurso para que se consiga um trabalho exitoso no que diz respeito a dar respostas aos temas de amplitude social.

Trouxemos para este trabalho tirinhas não tão usadas nos contextos escolares, nem no contexto das avaliações em larga escala. No entanto, destacamos que outras tirinhas que fazem uso do recurso humorístico como as de Mafalda e Calvin, por exemplo, estão presentes nas escolas e também em avaliações como o Exame Nacional do Ensino Médio, ENEM. Assim sendo, enfatizamos a necessidade de compreensão do humor, e também o seu trabalho em sala de aula, como forma de debate de temáticas polêmicas e também como favorecedor do desenvolvimento da criticidade dos estudantes, preparando-os, inclusive, para estarem diante desse recurso para além da escola.

Para ilustrar nossa afirmação, trazemos uma tirinha de Mafalda que faz uso do humor para desvelar uma crítica social.

Figura 3. Tirinha 03.



Fonte: <https://ufscaesquerda.com/>, acesso em 19/03/2025, às 17h.

Na tirinha acima, compreendemos que Mafalda faz uso de dois sentidos para a palavra “indicador”, o que promove o contexto de humor evidenciado na leitura do texto. A personagem reflete que apenas com o dedo indicador um patrão pode demitir muitos funcionários de uma só vez e, ao fazer essa afirmação, associa o ato de demissão ao qual ela se refere ao “indicador de desemprego”, remetendo a outro sentido da palavra indicador, que neste caso, relaciona-se ao índice e não ao dedo. Entendemos que o contexto da tirinha analisada é uma crítica social ao desemprego vivenciado pela população, mas faz uso do humor para amenizar o peso da crítica realizada.

Ressaltamos ainda que a importância de trabalhar o humor independe do gênero textual no qual este recurso é utilizado. Segundo Ramos e Vergueiro (2015, p. 199), “as piadas, assim como as tiras, são ótimos exercícios de interpretação”. Ambos os gêneros fazem uso dos mesmos mecanismos para que a compreensão aconteça. Ramos e Vergueiro (2015, p. 199) destacam ainda que:

Texto curto (tanto o da piada quanto o da tira), inferências, conhecimentos prévios, quebra de expectativa no final, uso de personagens conhecidos ou não são apenas algumas das aproximações entre as duas áreas.

Seguindo o mesmo encaminhamento de que os textos humorísticos, sejam eles de quais gêneros forem, são fontes ricas para o trabalho com a leitura crítica, Possenti (2013, p. 81) evidencia que:

Estudos do humor e humoristas reafirmam constantemente a tese de que esse “tipo de discurso” veicula sentidos censurados ou proibidos, que deixariam de subsistir, ou sequer teriam vindo à existência, sem a vitalidade do discurso humorístico. No entanto, pode-se verificar com relativa facilidade que as piadas (mas também outros tipos de textos humorísticos) constroem-se sobre lugares comuns e estereótipos. Ou seja, não são as piadas (ou o discurso humorístico) que os constroem. Elas só os exploram de novo e a seu modo. Essa característica do humor fica bem clara quando o objeto são etnias ou populações com identidade bem estereotipada (argentino é orgulhoso, baiano é preguiçoso, judeu/turco é argenteiro, inglesa é fria etc.), mas também está presente em piadas que versam sobre aspectos da sexualidade.

Essa exploração de temáticas propostas a partir do humor promove a reflexão e pode colaborar para a desconstrução de rótulos. Referindo-nos especificamente ao tema das tirinhas de USQ, o humor objetiva propor a tolerância a partir da quebra de expectativa do leitor sobre personagens tidos como intocáveis pela sociedade, como é o caso de Deus.

Percebemos, então, que as construções cômicas se revelam como uma contestação à realidade, como formas de questionamento e, mesmo provocando o riso, revelam-se também como formas de posicionamento político. Nas palavras de Cirne (1982, p. 23)

Ao se valer dos mecanismos da cultura de massa, o quadrinheiro, a rigor, compromete-se política e socialmente com o tempo histórico que marca a sua existência enquanto ser concreto no interior das classes sociais, assim como se compromete ao recusar esses mesmos mecanismos. De uma forma (dentro da cultura de massa) ou de outra (à sua margem), o artista de quadrinhos só tem um compromisso: com a realidade. Este compromisso, decerto, não se esgota em um realismo estreito, de cunho idealista.

Neste comprometimento político e social, o humor tende a mostrar a realidade de maneira a desestabilizar os conceitos preestabelecidos acerca de determinados assuntos, em geral assuntos que causam polêmicas e divergências de opiniões. No caso das duas tirinhas que trouxemos para explicar, de USQ, o humor leva à reflexão de maneira mais leve e permite que os leitores, mesmo não tendo as mesmas opiniões, busquem a prática da tolerância.

Pontuamos que diante do caráter já exposto acerca do humor que objetiva, muitas vezes, a desconstrução de rótulos, Freud (1978, p. 191) reafirma que “o humor não é resignado, mas rebelde”. A rebeldia destacada se refere ao fato de o humor permitir que assuntos tidos como intocáveis ou subversivos passem a ser discutidos, proporcionando, inclusive, reações frente a esses assuntos.

Diante do exposto, destacamos o humor como elemento fundamental para a construção da crítica sobre diferentes temas. É a partir dele que percebemos o mundo como ele é, ainda que de maneira mais amena, e podemos modificar nossos comportamentos e atitudes, favorecendo a construção da cidadania.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nosso estudo objetivou construir reflexões acerca das possibilidades de desenvolver um trabalho que envolva o humor e a reflexão crítica sobre temas de relevância social nas aulas de Língua Portuguesa.

Compreendemos que esse ensino deve preconizar o desenvolvimento de diferentes habilidades nos estudantes e, dentre elas, a construção da criticidade, o posicionamento diante de realidades sociais variadas. Apenas assim conseguiremos fomentar práticas que aproximem a escola e as aulas de Língua Portuguesa ao mundo no qual os estudantes estão imersos.

O uso do humor como estratégia para envolver os estudantes na leitura dos textos, para tentar garantir a compreensão dos textos lidos e para construir uma efetiva cidadania, na qual seja possível (re)agir diante do mundo, impõe-nos que estejamos abertos para a diversidade de textos e temáticas a serem trabalhadas nas aulas de Língua Portuguesa no contexto escolar da educação básica.

Assim sendo, defendemos que o humor pode favorecer o ensino de assuntos que demandam seriedade, sem recair apenas em momentos de sobriedade, mas de descontração coletiva, a partir do

riso. Entendemos que o humor é um favorecedor do construto da crítica social e, portanto, forte aliado no desenvolvimento de habilidades nas aulas de Língua Portuguesa.

Assim sendo, defendemos que seja necessário trabalhar de maneira mais efetiva os textos que envolvem o humor e o riso em sala de aula, promovendo reflexões críticas e promovendo um ensino comprometido com a abordagem de temáticas de relevância social e, também, com a formação cidadã.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, I. **Análise de textos: fundamentos e práticas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
- BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.
- CAVALCANTE, M. M. **Os sentidos do texto**. 1. ed., 4a reimpressão. São Paulo: Contexto, 2017.
- CIRNE, M. **Uma introdução política aos quadrinhos**. Rio de Janeiro: Achiamé / Angra, 1982.
- COSTA VAL, M. G. **Redação e Textualidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1999, 2 ed.
- FREUD, S. Humor. In: **Novas Conferências introdutórias sobre a Psicanálise e outros trabalhos**. Tradução Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda. 1978.
- GUERREIRO, S. **As Fronteiras da Tolerância: Liberdade Religiosa e Proselitismo na Convenção Européia dos Direitos do Homem**. Coimbra: Almedina, 2005.
- MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- MILLER, C. R. (1984) **Genre as Social Action**. Quarterly Journal of Speech, n 70, p.151-167.
- POSSENTI, S. **Humor, língua e discurso**. São Paulo: Contexto, 2013.
- RAMOS, P. **Tiras no ensino**. São Paulo: Parábola Editorial, 2017.
- RAMOS, P. e VERGUEIRO, W. **Quadrinhos na educação: da rejeição à prática**. São Paulo: Contexto, 2015.